

A compreensão de mitos e a expressão da identidade docente

Manfredo Carlos Wachs*

Resumo: O presente artigo reflete sobre a significação e ressignificação da identidade docente através de uma interpretação interdisciplinar dos mitos de Narciso e de Eco. O estudo interdisciplinar procura integrar o campo da filosofia com a apropriação da teoria narrativa de Paul Ricoeur, da pedagogia simbólica de Carlos Amadeu Byington, da concepção de *self* e individuação de Carl Gustav Jung. O texto aponta para a dinamicidade e o movimento permanente para a construção da identidade pessoal e docente. O texto culmina com uma reflexão sobre um “olhar pedagógico dos mitos de Narciso e de Eco” e destaca ainda a necessidade de estabelecer um equilíbrio dialético entre narcisar e ecoar.

Resumen: El presente artículo reflexiona sobre la significación y resignificación de la identidad docente a través de una interpretación interdisciplinaria de los mitos de Narciso y de Eco. El estudio interdisciplinario procura integrar el campo de la filosofía con la apropiación de la teoría narrativa de Paul Ricoeur, de la pedagogía simbólica de Carlos Amadeu Byington, de la concepción de *self* e individuação de Carl Gustav Jung. El texto apunta para el dinamismo y el movimiento permanente para la construcción de la identidad personal y docente. El texto culmina con una reflexión sobre un “mirar pedagógico de los mitos de Narciso y de Eco” y destaca, además, la necesidad de establecer un equilibrio dialéctico entre *narcisar* y *ecoar*.

Abstract: The present article reflects on the significance and the ressignification of the professorial identity through an interdisciplinary interpretation of the myths of Narcissus and of Eco. The interdisciplinary study seeks to integrate the field of philosophy with the appropriation of the narrative theory of Paul Ricoeur, the symbolic pedagogy of Carlos Amadeu Byington, the concept of self and individuation of Carl Gustav Jung. The text points to the dynamic and permanent movement toward the construction of the professorial and personal identity. The text culminates with a reflection on the “pedagogical look at the myths of Narcissus and Eco” and also highlights the need to establish a dialectic balance between the Narcissus act and the Eco act.

* Professor titular do programa de mestrado e doutorado da Escola Superior de Teologia (EST), professor do Instituto Superior de Educação Ivoeti e membro do Grupo de Pesquisa *Currículo, identidade religiosa e práxis educativa*.

Na prática pedagógica, seguidamente, se vislumbram personagens reais, sejam antigos docentes ou pessoas de referência do círculo de relacionamento; personagens imaginários, sejam projeções pessoais ou idealizações de histórias, contos e romances; e figuras mitológicas, sejam antigas ou contemporâneas, que se transformam em símbolos estruturantes de uma identidade docente. Devido a sua função estruturante e da ação significativa, estes personagens assumem características míticas, pois procuram dar um sentido e uma explicação à existência humana. E na questão educacional, dão uma composição à identidade docente e configuração à práxis educativa. Na grande maioria das ocasiões, estes personagens atuam no inconsciente das pessoas desenvolvendo um processo de auto-regulação e de manifestação na práxis do docente.

Walter Boechat, seguindo um pensamento junguiano, afirma que a “mitologia tem fundamentalmente uma função psicológica organizadora e estruturadora da *psique*”¹. A reflexão deste texto não pretende se concentrar na importância de determinados mitos para a psique humana, mas perceber a sua manifestação na identidade docente e a sua ressignificação em função da consciência e da recuperação do sentido de ser docente.

A reflexão sobre determinados mitos não tem a intenção de realizar uma demitologização, uma desconstrução da trajetória de vida do docente e nem mesmo uma “purificação” de elementos considerados, eventualmente, como pseudo-educativos. A reflexão hermenêutica a respeito da identidade docente pretende, através da análise interpretativa e da correlação contextualizada de mitos antigos e contemporâneos, compreender a constituição de mitos como símbolos estruturantes de uma identidade docente e de uma práxis educativa.

Considerando a identidade docente como sendo um processo hermenêutico, pretende-se compreender o mito na perspectiva de Paul Ricoeur da “recuperação de sentido”; de “articular a compreensão e a explicação [...] do sentido da obra”², da e na obra, do e no texto, da e na narração; na direção da dupla tarefa de “reconstituir a dinâmica interna do texto e restituir a capacidade da obra de se projetar para fora na representação de um

1 BOECHAT, Walter. Arquétipos e mitos do masculino. In: _____ (Org.). **Mitos e arquétipos do homem contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 55.

2 RICOEUR, Paul. **Do texto à ação**: ensaios de hermenêutica II. Buenos Aires: Res Editora, 1989. p. 43.

3 RICOEUR, Paul. **Del texto a la acción**: ensayos de hermenêutica II. Tradução de Pablo Corona. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001. p. 34. RICOEUR, 1989, p. 43.

mundo que eu poderia habitar”³; na dimensão de uma ação de retrospectção e projeção ressignificante.

Diante disso, a tarefa da pessoa do hermeneuta, que busca ter um olhar pedagógico, é “articular a compreensão e explicação” no plano que Ricoeur chama de “sentido da obra”, procurando “continuar” a obra e “atualizar os códigos subjacentes”. Isto significa compreender o sentido da obra de determinados mitos e a sua nova configuração no campo pedagógico, buscando fortalecer a identidade do *self* na inter-relacionalidade da mesmidade, ipseidade e alteridade. Ou seja, auxiliar o docente a perceber e compreender, retrospectivamente, a constituição de símbolos estruturantes da sua identidade e a vislumbrar, prospectivamente, a ressignificação de sua práxis educativa.

O olhar retrospectivo da constituição da identidade não pretende ser uma ação arqueológica da história de vida do docente e nem tem a intenção de ser uma terapia psicanalítica. A retrospectiva caminha na direção ricoeuriana da narrativa da sua trajetória de vida com o intuito de recuperar o sentido de ser e projetar uma qualidade de vida com um novo sentido de ser e com uma ressignificação da sua práxis, expressada e conjugada na concepção teórica e na ação prática.

A reflexão procura seguir uma hermenêutica ricoeuriana que não permaneça no ato interpretativo, mas que quer ajudar o docente a compreender-se melhor. Pretende-se seguir a idéia ricoeuriana expressada no seguinte pensamento: “compreender-se é compreender-se *em face do texto*⁴ e receber dele as condições de um si diferente do eu que brota⁵ do texto”⁶, realizar a “dinâmica interna e projeção externa [...] do trabalho do texto” e complementando, podemos dizer que a

[...] compreensão do texto não é o seu próprio fim, ela mediatiza a relação consigo de um sujeito que não encontra, no curto-circuito da reflexão imediata, o sentido de sua própria vida.⁷

O exercício hermenêutico em torno de alguns mitos pretende ajudar o próprio leitor, assim como o próprio autor, a reconstituir o sentido de sua própria práxis e da sua trajetória de vida, sendo os mitos os elementos mediadores para a compreensão dos símbolos estruturantes.

4 O grifo é do autor.

5 Na versão em espanhol aparece a expressão: “distinto del yo que se ponde a leer”.

6 RICOEUR, 2001, p. 33. RICOEUR, 1989, p. 42.

7 RICOEUR, 2001, p. 141. RICOEUR, 1989, p. 155.

1. Os mitos de Narciso e de Eco e a identidade docente

Há educadores que articulam o seu fazer-pedagógico, pensar-pedagógico, ser-pedagógico e conviver-pedagógico a partir de figurações, imagens e histórias míticas. Eles incorporam na sua essência e existência pedagógicas os elementos de determinados mitos. Num *olhar de fora*, pode-se compreender melhor o próprio educador, não com a intenção de julgá-lo e classificá-lo, mas como uma possibilidade de melhor entendê-lo e estabelecer, com ele, uma maior e melhor qualidade relacional e identitária. Muitas vezes, educadores projetam e articulam o seu projeto pedagógico, de forma explícita e articulada ou não, sem se dar conta que carregam em si a expressão de determinados mitos. A expressão destes mitos pode ocorrer através de traços mais primitivos ou mais modernizados e remodelizados.

As narrações de mitos, os jogos simbólicos, as atividades lúdicas envolvendo imagens simbólicas ou oníricas e dinâmicas com símbolos existenciais podem constituir-se em importantes elementos da tomada de consciência da identidade docente. Estas ações, no fundo, pretendem ser ações pedagógicas de formação continuada do educador e uma tomada de consciência da sua própria identidade. Na compreensão de Carlos Byington, a ação da pedagogia simbólica ajuda a “coordenar o desenvolvimento simbólico de toda a personalidade”⁸.

O processo de conhecer-se, compreender-se e reconfigurar a sua identidade é também um processo de estabelecer uma pessoa saudável⁹ que tem a capacidade de auto-realização e, portanto, de constituir uma reequilibração e uma harmonia da psiqué. Juan Mosquera defendendo a idéia de uma personalidade saudável, afirma que a “pessoa saudável se empenha em três tarefas¹⁰”: a) o crescimento em sua consciência pessoal; b) a qualidade da relação com outras pessoas e c) aprender a entender um mundo em constante mutação. Queremos ainda destacar algumas das características de uma pessoa saudável apontadas por Mosquera¹¹: a) a pessoa saudável é realista, pois aprende ver a realidade e as pessoas como elas são; b) a pessoa é saudável quando desenvolve uma auto e uma hetero-aceitação; c)

8 BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **Pedagogia simbólica**: a construção amorosa do conhecimento de ser. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 274.

9 MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBÁUS, Claus Dieter. O professor, personalidade saudável e relações interpessoais. In: ENRICONE, Dêlcia (Org.). **Ser professor**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 99.

10 MOSQUERA, 2001, p. 100-102.

11 MOSQUERA, 2001, p. 104-105.

ela é saudável quando se revela naturalmente espontânea, autônoma, democrática e criativa.

Ecleide Furlanetto, ao procurar compreender mais profundamente a trajetória da identidade docente, avalia que é necessário “revisitar conceitos que nos permitiriam detectar símbolos constelados em nosso caminho”¹². Relendo o conceito de *individuação* de Carl Jung, Furlanetto constata que o resgate das histórias de vida permite entrar em contato com as vivências significativas das pessoas. Baseando-se em Ricoeur, podemos dizer que o fundamental se dá no processo narrativo, no ouvir e no ler o relato da própria pessoa, pois a narrativa, em si, já é um processo de ressignificação da sua trajetória de vida. Segundo Furlanetto, a “posição de cooperação que assume o ego, centro da consciência, com a personalidade total, o *self*, proporciona um sentido de inteireza e uma possibilidade de existência mais profunda”¹³. Reafirmamos a idéia de que o processo narrativo da trajetória de vida tem a intenção de fortalecer o *self* de tal forma que seja expressiva e significativa a dimensão Eu-Outro.

Os docentes revelam, na maioria das vezes inconscientemente, os mitos que assumem através da sua prática pedagógica, do seu discurso filosófico-pedagógico, da sua postura relacional entre professores e entre professor-aluno, da sua metodologia de ensino, da sua visão do sistema de ensino, da sua compreensão de estrutura administrativa, da sua compreensão da gestão educacional, entre outros aspectos. Entretanto, podemos afirmar que cada docente pode assumir as características de mais do que um mito. Assim, como determinado mito não precisa ser assumido permanentemente, eles são assumidos e permanecem, enquanto aplacarem os temores e as ansiedades humanas e corresponderem às projeções, na maioria das vezes, inconscientes do seu ideal educativo, e enquanto derem sentido à sua prática educativa.

Assim como os símbolos existenciais, os mitos não deixam de ter sentido mítico por vontade arbitrária das pessoas. Eles só deixam de ter significado mítico e ter função estruturante quando não mais corresponderem às necessidades humanas. Ao mesmo tempo, é necessário afirmar que cada docente carrega consigo, de uma forma ou outra, algum mito ou alguns mitos. Eles estão presentes na vida de cada pessoal.

12 FURLANETTO, Ecleide Cunico. A formação de professores: aspectos simbólicos de uma pesquisa interdisciplinar. In: SEVERINO, Antônio Joaquim; FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **Formação docente: rupturas e possibilidades**. Campinas: Papirus, 2002. p.72.

13 FURLANETTO, 2002, p. 73.

A compreensão de mitos e sua importância para a existência humana é um dos elementos importantes para uma hermenêutica da identidade docente, pois nos auxilia a conhecer e a interpretar a própria docência em si, a práxis educativa e a identidade docente. Convém repetir que neste estudo, a compreensão do mito não visa o mito em si, mas enquanto elemento constituinte da hermenêutica. Isto não significa desprezar ou minimizar o valor do mito em si e a sua importância do decorrer da história da humanidade.

Donaldo Schüller afirma que estudar o mito de Narciso é “refletir sobre nós mesmos”¹⁴. Ele nos auxilia a compreender melhor a identidade docente, pois possui elementos importantes como a questão do espelho de água, onde o personagem se vê e contempla a si mesmo; a auto-admiração e a admiração por parte de outras pessoas; a rejeição, a introversão e a extroversão; a permanência e a transformação de elementos centrais; e a relação com outras pessoas. Isto significa que a nossa leitura interpretativa se dará na perspectiva junguiana da pedagogia simbólica e da concepção ricoeuriana de identidade, interligando a ipseidade, a mesmidade e a alteridade. O processo de “turvar as águas” da imagem de Narciso no espelho da lagoa, significa desencadear uma descentralização de si mesmo para a descoberta do outro.

Os mitos de Narciso e Eco formam uma polaridade e uma complementaridade. Ambos devem ser vistos juntos, na inter-relação que é são intrínseca. Assim como a maioria dos mitos, também o de Narciso e de Eco possuem diversas versões. Isto está diretamente relacionado com a *dýnamis* do mito, com o movimento de significação, de reinterpretação e com a correlação com as necessidades e ansiedades humanas. A *dýnamis* e a existencialidade do mito lhe dão vivacidade, permitindo-lhe reelaborações e ressignificações.

2. Mito de Eco

Thomas Bulfinch apresenta a seguinte versão do mito de Eco:

Eco era uma bela ninfa, amante dos bosques e dos montes, onde se dedicava a distrações campestres. Era favorita de Diana e acompanhava-a em suas caçadas. Tinha um defeito, porém: falava demais e, em qualquer conversa ou discussão, queria sempre dizer a última palavra. [...]

14 SCHÜLER, Donaldo. **Narciso errante**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 14.

Certo dia, Juno saiu à procura do marido¹⁵, de quem desconfiava, com razão, que estivesse se divertindo entre as ninfas. Eco, com sua conversa, conseguiu entreter a deusa, até as ninfas fugirem. Percebendo isso, Juno a condenou com estas palavras:

– Só conservarás o uso dessa língua com que me iludiste para uma coisa de que gostas tanto: responder. Continuarás a dizer a última palavra, mas não poderás falar em primeiro lugar.¹⁶

Na seqüência da narrativa, Eco vê Narciso, um belo jovem, apaixonado-se por ele e lhe segue os passos. Pacientemente e obrigatoriamente, devido à maldição, Eco espera que Narciso profira as primeiras palavras para que ela possa lhe responder. Narciso, contudo, a rejeita e Eco, envergonhada, refugia-se nas cavernas e entre os rochedos das montanhas. O processo de rejeição traz impacto para a sua corporalidade. O seu corpo define-se até que a carne desaparece inteiramente e os ossos transformam-se em rochedos e nada mais lhe resta senão a voz. Podemos entender que o afinamento do corpo contém a dimensão simbólica do afinamento da própria existência, do próprio ser. A narrativa da história de Eco, assim como a de muitos outros mitos, é carregada de dramaticidade e sofrimento.

A história de Eco é marcada pela maldição proferida por Juno, causada pela sua fidelidade ao seu grupo de ninfas e pela rejeição manifestada por Narciso. Em nenhuma das duas situações, Eco é compreendida. A dramaticidade do relato sobre Eco, nos faz refletir que a ação sofrida pela Eco, lhe provoca uma incapacidade de ação e reação. Ela fica como que imobilizada e lhe é imposta uma dimensão de introversão. De um processo de forte extroversão, ela é conduzida ao extremo da introversão, ao sentimento-introvertido. Ela não tem mais condições de expressar o seu pensamento e nem o seu sentimento. Eco somente conseguiria expressar o seu sentimento de afeto ao amado, Narciso, após ouvir o mesmo sentimento por parte do amado. Eco está impossibilitada de tomar a iniciativa, de ser autêntica e singular. Ela sempre será a expressão das outras pessoas, das outras manifestações.

A dimensão da alteridade fica tão salientada em Eco que perde as características da mesmidade. Ou melhor, a característica de mesmidade

¹⁵ Juno é o nome romano de Hera. Ela era a esposa de Júpiter. Júpiter, cujo nome grego era Zeus, era chamado pai dos deuses. Ele foi filho de Saturno (Cronos, em grego) e Réia (Ops, em grego). Júpiter foi considerado o rei dos deuses e dos homens. BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia** (A idade da fábula): histórias de deuses e heróis. 28. ed. Tradução de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. p. 11s.

¹⁶ BULFINCH, 2002, p. 123.

se evidência no fato dela sempre repetir a expressão das outras pessoas, de outras manifestações. O “outro” é demasiadamente presente nela. O “si-mesmo” é o “outro no si-mesmo”. A sua permanência é a falta de permanência da sua voz e do seu pensamento próprio. A sua permanência é, de fato, a permanência do “outro no si mesmo”. Entretanto, apesar do processo de ipseidade, da possibilidade de mudança constante, perduram dois aspectos de mesmidade: o amor por Narciso e o constante ecoar. É o “ecoar” permanente que se torna elemento constituinte da sua identidade. Portanto, Eco não é mais conhecida por aquilo que ela pensa ou sente, mas por aquilo que ela ecoa, por aquilo que ela expressa do pensamento e do sentimento das outras pessoas e de outras manifestações. A sua autenticidade é a expressão dos “outros”.

O definhamiento do corpo é carregado de uma forte expressão simbólica e revela a integralidade entre pensamento e sentimento, coração e corpo; entre as questões internas e as externas. Numa perspectiva junguiana, pode-se dizer que o corpo, como manifestação simbólica, é a expressão do *self*, da totalidade do ser, da proximidade do consciente e do inconsciente. E, ao mesmo tempo, o definhamiento do corpo seria a mutilação do *self*, da totalidade do ser.

Donaldo Schüller¹⁷, interpretando o mito de Eco, afirma que, ao deter os passos de Juno, Eco “incorre na insolência de ousar erguer-se da situação de objeto à de sujeito”. Eco desafia o poder de Juno, sofre a cólera da ofendida, mas, assim como Prometeu, mostra o caminho da rebeldia, da reviravolta. Eco tratou Juno como mulher ciumenta e não como deusa. Eco deslocou Juno de uma posição para outra. E isto, talvez, tenha sido o seu mais grave delito, pois o poder de Juno foi questionado. Juno, ofendida, pune a insolente, “aprisionando-a em cadeia de sons que não dizem nada, mera duplicação de sons”. A lesão física agrava-se até a rigidez da rocha. “A rocha, imóvel, não absorve a voz, não a interpreta, não a contesta”. Desta forma, não é possível o diálogo, “sobram somente os estilhaços de uma troca inexistente”.

Podemos dizer que Eco representa, ao mesmo tempo, a fala que se perde na fala sem sentido, a fala interna e a fala que busca alternativa ao poder que somente fala de si a si mesmo. Isto significa que, pedagogicamente, o simples ecoar da fala dos outros já pode ser entendida como um ato de rebeldia, como uma denúncia da ausência de diálogo. Compreender

17 SCHÜLER, 1994, p. 40-42.

Eco implica em não somente entender o que ela revela, mas o que está escondido no seu revelar. Aqui, a dimensão simbólica ricoeuriana do “revelar-ocultar” pode ser fortemente percebida. Por isto, compreender o sentido de Eco é buscar “des-velar” o que está parcialmente revelado.

A ressignificação do sentido de ser passa, necessariamente, pela ressimbolização da maldição de Juno e pela aceitação de si pelas outras pessoas, além de uma “narcisação” de si mesma. Portanto, da libertação de culpa imposta e do resgate da auto-estima. Numa perspectiva freireana, pode-se afirmar que seria o “resgate da vez e voz”. Entretanto, o resgate da dignidade, da autenticidade e do sentido de ser não se faz por decreto, ele é processual. A problemática, contudo, consiste em como desencadear o processo de resgate de vez e voz. Como criar o espaço libertador da “fala primeira” e não da “fala segunda”, de poder falar e não só de repetir? Diante desta problemática, reafirmamos a importância do pensamento e da atitude freireana da “paciência histórica” e da perspectiva teológica da metanóia processual, além da importância da narrativa sobre a sua auto-percepção. Não custa, porém, lembrar que não estamos nos referindo aos casos patológicos, mas sim, às situações de possíveis ressignificações e ressimbolizações, onde resta “carne” no corpo definhado, onde é possível olhar-se no espelho e “desvestir-se” de uma realidade de sofrimento.

3. Mito de Narciso

Italiano Monini¹⁸, baseando-se no poeta Ovídio, apresenta a versão de que Narciso era um jovem de rara beleza e que despertava paixão e desejo nas mulheres, mas que não se importava com nenhuma delas. Narciso não se interessou nem pela Eco, a mais bela das ninfas. Eco seguia os passos de Narciso que, ao vê-la, a rejeitou. Eco, envergonhada, retira-se para uma gruta solitária. Narciso não rejeita somente Eco, mas também todas as demais ninfas. Uma das donzelas rejeitadas, entretanto, formula um voto aos deuses: “Que aquele que não ama os outros se apaixone por si próprio”. O pedido é atendido e quando Narciso se debruça sobre uma fonte para beber, vê seu rosto refletido no espelho de água, e se apaixona perdidamente pela sua imagem. Neste relato, Narciso afirma:

Agora sei o que tenho feito sofrer, pois estou loucamente apaixonado por mim mesmo e, no entanto, como hei de chegar ao encanto que vejo espelha-

18 MONINI, Italiano. **Mitologia greco-judaica e racionalismo moderno**: um ensaio. Goiânia: UCG, 1995. p. 37s.

do nas águas? Entretanto não sou capaz de abandoná-lo e só a morte me poderá libertar.¹⁹

Narciso fica parado diante da sua imagem, definhando pouco a pouco diante da contemplação da sua própria imagem. E diante da sua imagem, inerte, imóvel, paralisado por si mesmo, como numa auto-paralisação, morre. Tanto Narciso quanto Eco, definham e seus corpos se perdem na impossibilidade de estabelecer uma relação de alteridade.

Podemos afirmar que Narciso morre, sucumbe, na escravidão da sua auto-admiração. Nesta dimensão, Eco e Narciso sofrem do mesmo mal, da inércia, da imobilidade. Ela pela impossibilidade de mover-se, e ele pelo desejo de não mover-se. Na concepção de Donald Schüler, “Narciso e Eco definem os limites do homem: a palavra não atravessa a rocha, os reflexos congelam na imagem. Na rigidez, Narciso e Eco traçam símbolos da morte”²⁰.

Na parte da narrativa sobre o espelhar-se na água, Thomas Bulfinch traz a seguinte versão:

Havia uma fonte clara, cuja água parecia de prata, à qual os pastores jamais levavam rebanhos, nem as cabras monteses freqüentavam, nem qualquer um dos animais da floresta. Também não era a água enfeada por folhas ou galhos caídos das árvores; a relva crescia viçosa em torno dela, e os rochedos a abrigavam do sol. Ali chegou um dia Narciso, fatigado da caça, e sentindo muito calor e muita sede. Debruçou-se para desalterar-se, viu a própria imagem refletida na fonte e pensou que fosse algum belo espírito das águas que ali vivesse. [...] Apaixonou-se por si mesmo. Baixou os lábios, para dar um beijo e mergulhou os braços na água para abraçar a bela imagem. [...]

Suas lágrimas caíram na água, turbando a imagem. E, ao vê-la partir, Narciso exclamou: – Fica, peço-te! Deixa-me, pelo menos, olhar-te, já que não posso tocar-te.

[...] Ele, pouco a pouco, foi perdendo as cores, o vigor e a beleza. [...] O jovem, depauperado, morreu.²¹

Sidnei Noé²² aponta que a dificuldade de Narciso “reside na incapacidade de *ver no outro um outro*”²³. Segundo Noé, as pessoas de estrutura narcisista “precisam do outro, enquanto espelho e, portanto, confirmação da

19 MONINI, 1995, p. 38.

20 SCHÜLER, 1994, p. 44.

21 BULFINCH, 2002, p. 123.

22 NOÉ, Sidnei Vilmar. Homo narcissicus. **Numen**: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 5, n. 1, p. 51, 2000.

23 Grifo do autor.

sua própria imagem grandiosa interior”. A figura simbólica do espelho não é, aqui, compreendida como um processo de compreender-se melhor, de recuperar o sentido de ser e nem de retrospectão para projetar o futuro com melhor qualidade de vida ou para transformações psíquicas. O espelho é visto somente como objeto de auto-contemplação e que impede a reflexão crítica.

Compreendemos que no processo de alteridade, da descoberta do “outro como outro” é necessário convidar a Eco para aproximar-se de Narciso, de tal forma que ele veja a imagem de Eco espelhada ao lado da sua. Ambas as imagens estariam colocadas lado a lado. Ambas as pessoas deveriam enxergar as duas imagens. “Turvar a água” não seria, aqui, o processo de mexer no espelho de água, ou ‘deixar cair a lágrima’, mas deslocar o foco da sua própria imagem. “Turvar a água” seria: ajudar a pessoa de estrutura narcísica a perceber outras imagens igualmente belas. Neste processo de percepção, de rompimento com as imagens fechadas, se desencadearia a permanência, a mesmidade das imagens que devem ser conservadas e a ipseidade, a mudança daquilo que deveria ser modificado ou visto de forma diferente.

Ao passo que Eco representa a natureza humana que perde a fala, Narciso dotado de fala, representa a figura humana que sucumbe diante da admiração de si mesmo. Narciso é dotado de uma fala ininterrupta, que fala e não ouve. A fala de Narciso aproxima-se do monólogo exterior, muito próximo de um monólogo coletivo que fala consigo mesmo olhando para os outros; é num diálogo de si para si mesmo. Ou seja, fala com as pessoas, mas não as ouve, responde as suas próprias perguntas, aplaude a si próprio. Ou expressando metaforicamente, faz o papel de ator e de público, representa para si mesmo e aplaude entusiasmadamente a sua apresentação e representação. O Narciso, ator, nem repara se há público e nem se há alguma reação de acolhida ou de rejeição por parte das pessoas. Ele olha, mas não vê. Ele escuta, mas não ouve.

Noé afirma que o

Homo narcissicus vive das luzes da ribalta. Sem ter à sua volta um círculo de admiradores(as) para confirmar e reforçar sua imagem interior grandiosa, ou sem ter a possibilidade de acerrar-se de outras “estrelas”, para reviver através delas a simbiose primeva, envolvendo-as com um “oceano” de grandiosidade, ele é incapaz de viver. Em última análise, ele está confinado no cativado da busca nas relações com o outro para a confirmação de sua auto-imagem, estabelecendo assim uma relação “utilitarista” com as outras pessoas e consigo mesmo.²⁴

24 NOÉ, 2000, p. 51.

No processo da práxis pedagógica, o professor narcísico tem inúmeras dificuldades de relacionamento com outras pessoas. A questão ainda se torna mais difícil, quando mais de uma pessoa com estrutura narcísica encontra-se no mesmo ambiente pedagógico. Podemos dizer que o professor narcísico tem dificuldades de ouvir a fala de seus colegas e de seus alunos. Ele, no fundo, admira a sua voz tanto quanto a sua imagem e fala para ouvir a si-mesmo. Ele fala mais do que ouve os seus alunos e só permite a fala dos alunos quando eles ecoam o seu próprio pensamento. Numa atividade de planejamento grupal, só tem validade as idéias que a pessoa narcisista manifesta. Numa atividade de síntese de grupo, como uma memória ou uma ata, só tem valor aquilo que a pessoa narcisista fala.

Sidnei Noé, analisando o comportamento das pessoas que procuram os conselheiros pastorais, destaca traços típicos de uma estrutura narcísica:

Vazio interior, olhos vazios, negação do sentimento, oscilação entre fantasia de onipotência e sensações de impotência absoluta, incapacidade de amar, medo do fracasso, sede e idolatria do poder, perda da noção histórica, acessos de cólera incomensurável, sentimento de ser especial e, não por último, crise de sentido.²⁵

Na descrição apresentada por Noé, percebe-se a relação estreita entre Narciso e Eco, pois o comportamento ecoísta apresenta traços semelhantes ao descrito acima. Entretanto, poderíamos acrescentar à dimensão narcísica a extroversão exagerada. Metaforicamente, seria uma pessoa que “fala pelos cotovelos”. Numa estrutura ecoísta, contudo, não estaria tão presente a atitude de cólera, sentimento de ser especial e sede e idolatria de poder, ao passo que estaria mais presente, entre outros aspectos: a dificuldade de expressar o sentimento, inércia, repetição da mesma fala.

Na perspectiva de Noé, o “problema não está no narcisismo em si, mas como as pessoas se relacionam com seu narcisismo”²⁶. Na práxis educativa significaria verificar o quanto que a pessoa tem consciência da sua identidade tipológica narcísica ou ecoísta e o quanto ela sabe lidar com a sua tipologia. O problema também não está no ecoísmo em si, mas no quanto as pessoas estão e se sentem enclausuradas na atitude ecoísta. Ou usando uma outra metáfora: o quanto elas estão “encapsuladas” na sua atitude ecoísta ou o quanto os seus corpos estão definhando.

Aqui se nos apresenta a questão da constituição, da composição da

25 NOÉ, 2000, p. 46.

26 NOÉ, 2000, p. 56.

tipologia narcísica e ecoísta numa pessoa. Como a pessoa se torna narcísica ou ecoísta? É uma questão genética ou opção pessoal? Queremos responder esta questão a partir da reflexão sobre a tipologia psicológica elaborada por Jung.

Carl Jung afirma que as tipologias da atitude humana de introversão e extroversão são frutos da composição de diversos fatores, como influência cultural e familiar. Nós podemos acrescentar as oportunidades de aprendizagem, os condicionamentos sociais que influenciam tanto um quanto o outro, as características de espaços e tempos culturais. Portanto, a predominância de uma ou outra atitude tipológica é resultado de uma trajetória de vida. E assim, como as características da personalidade de cada indivíduo são dinâmicas e vão se reconfigurando no decorrer da vida, também as duas atitudes humanas, teorizadas por Jung, podem se ressignificar de acordo com as oportunidades e os fatores que cercam a vida.

Uma pessoa que se manifesta extrovertidamente na infância e na adolescência, pode tornar-se introvertida na vida adulta e vice-versa, ou pode diminuir a diferença entre a manifestação das características extrovertidas e introvertidas. Uma pessoa que se comporta introvertidamente num determinado ambiente social, educacional e cultural, pode revelar-se extrovertida num outro espaço e tempo. Ou seja, cada pessoa pode manifestar-se de ambas as formas, contudo, uma delas terá maior predominância na vida da pessoa. Esta ipseidade não se dá por uma decisão unilateral da consciência, mas é um processo auto-regulador do próprio *self*, ou seja, da própria totalidade do ser. Entretanto, quanto mais consciente for a manifestação desta ipseidade, mais estável, consistente e saudável ela também será.

Portanto, fazendo uma correlação com a reflexão sobre estas duas atitudes humanas, podemos afirmar que a constituição da tipologia ecoísta e narcísica também se dá no decorrer da trajetória de vida. São diversos os fatores que configuram e reconfiguram, que constituem e ressignificam as características de cada pessoa e a predominância de uma ou de outra tipologia. Nenhuma destas características é genética ou culturalmente inata e, conseqüentemente, intocável. Se assim o fosse, não seria possível ressignificá-las e lhes dar um novo sentido. Só nos restaria aceitar ou negar a nossa condição, ou entregar-nos completamente às formas e manifestações de uma das tipologias. Neste caso, a aceitação seria um render-se. Metaforicamente, poderíamos dizer que seria um “deixar o barco andar” ou um “ser tocado pelo vento”. E não seria um lidar com a sua condição, um refletir sobre os seus atos.

Defendemos a idéia, numa dimensão simbólica, de um espelhar-se como um sair de si para ver a si-mesmo, para ver-se agindo narcisicamente ou ecoistamente e assim tomar consciência das implicações e decorrências da sua ação. Isto significa ver-se na relação com o outro, permitir e até proporcionar que o outro fale da sua condição de relacionamento narcísico ou ecoísta. Ou seja, não deixar que o “barco navegue à deriva”, mas ter o domínio do leme. Utilizando o símbolo do baú, significaria que é de expressiva importância destampar periodicamente o baú, remexer os seus cantinhos escuros e permitir que os “ursos” bons e maus saiam e se relacionem com o contexto, com as pessoas e com o si-mesmo.

As pessoas se tornam ecoístas de acordo com o nível de rejeição, de baixa auto-estima, de cerceamento da voz e do pensamento, mas, principalmente, da predominância de presença narcísica no seu mesmo espaço de convivência. Assim, podemos dizer que ser e tornar-se ecoísta ou narcísico tem a ver diretamente com o processo de relação com a tipologia oposta à sua. E isto deveria implicar em conviver com uma variedade de situações, contextos e pessoas, não convivendo somente com pessoas opostas e nem somente com tipologia semelhante à sua para evitar o perigo de solidificação e engessamento das suas características.

Noé afirma que não é “adequado negar ou tentar esvaziar-se completamente” na tipologia narcísica e “nem entregar-se irrestritamente a uma delas”, mas aceitá-la “como recurso terapêutico pontual e situacional”²⁷. Nós podemos dizer o mesmo em relação à tipologia ecoísta. O autor tem como referencial o atendimento psicológico e o aconselhamento pastoral. O nosso olhar está direcionado para a atividade docente. A partir deste nosso olhar, constatamos a presença narcísica e ecoísta na práxis educativa, tanto na atuação direta com estudantes, quanto na pesquisa acadêmica, na coordenação pedagógica e na administração escolar.

4. Um olhar pedagógico para Eco e Narciso

Uma posição bastante cômoda, impessoal e caracterizada por uma projeção idealizadora da ação docente e da práxis educativa, seria a eliminação do convívio e do espaço escolar das pessoas que são acentuadamente narcísicas ou ecoístas, a eliminação, que significaria demissão, exclusão, e seria, expressamente, uma forma de condenação social, educacional e cultural do profissional. No fundo, poderíamos nos perguntar se esta elimi-

27 NOÉ, 2000, p. 56.

nação não seria muito semelhante aos motivos da maldição proferida pela Juno, na narrativa do mito de Narciso e Eco. Ou seja, condena-se, elimina-se, aquelas e aqueles que podem se caracterizar como uma ameaça ao poder, que podem desestabilizar uma relação pseudo-harmoniosa. Por outro lado, deveriam ser questionados os critérios de análise para a eliminação e perguntar o quanto eles estão isentos ou livres de projeções pessoais. A eliminação significaria também a idealização de um protótipo, de uma caracterização unilateral em detrimento de outro.

O definhamento do corpo é um outro processo de eliminação e que nem sempre se torna tão visível e socialmente rejeitado. Neste processo de eliminação, o narcísico permanece inerte diante do seu “espelho de água” e não tem força para mover-se. A pessoa ecoísta vê o seu corpo tornar-se “um rochedo que só ecoa”. Esta pessoa petrificada não consegue se mover e transformar a sua voz em voz ativa. Quando a pessoa do docente atinge tal grau de definhamento, o processo de ressignificação e ressimbolização necessita do auxílio de profissionais da psicanálise.

O nosso posicionamento seria o da não-condenação e o da não-eliminação de um ou de outro do espaço e convívio escolar, aliás, nem ao menos o do deslocamento da pessoa para espaços mais propícios, pressupondo que determinada atividade ou função é mais adequada para uma tipologia do que para a outra ou que determinada área de conhecimento se adequa mais para um do que para outro tipo. Assim como também não seríamos a favor da absolvição teológico-espiritual da pessoa por ela ser narcísica ou ecoísta. O ato de absolvição do estado de ser já pressupõe em si a rejeição e condenação prévia e a necessidade da aceitação da sua pecaminosidade, a aceitação de ter “nascido do fruto do pecado”.

Entretanto, a absolvição é compreendida aqui como um elemento fundamental diante do sentimento de culpa e do reconhecimento de procedimento ecoísta e narcísico prejudicial às outras pessoas. A absolvição seria o resgate da sua condição de ser como possibilidade de um novo início. A absolvição seria a recuperação do sentido de ser. A absolvição seria a decorrência do processo de um espelhar-se para ver-se na relação com o outro. A atividade simbólica de ressignificação poderia dar, justamente, ênfase para esta dimensão de espelhar-se e ver-se no outro, com o intuito de melhorar a qualidade de vida, de recuperar o sentido da vida e de realizar a reconciliação consigo mesmo.

As atividades simbólicas de ressignificação teriam o objetivo de ajudar cada pessoa a descobrir qual tipologia tem maior predominância num espaço de atuação docente e de relação pessoal e qual tipologia se revela

mais intensamente em outro contexto. Este processo de auto-conhecimento ajuda a pessoa do docente, entre outros aspectos, a ver-se atuando e relacionando-se, a perceber as reações das demais pessoas, a constatar as decorrências e implicações de determinada ação tipológica. Entretanto, mais do que um olhar para si deve também auxiliar na identificação de Narcisos e de Ecos no contexto educativo, com o intuito de saber lidar melhor com eles e elas. E isto significa de que um docente Narciso deve saber controlar suas atitudes narcísicas, para que os e as estudantes não se tornem unicamente ecoísta. Para tanto, ele precisa aprender a ouvir a fala de outros e não somente a sua e a admirar a imagem do outro e não somente a sua.

Uma pessoa docente com tal conhecimento e com uma relação consciente e equilibrada com sua tipologia deveria ter condições de escolher determinadas metodologias e técnicas de trabalho de acordo com a necessidade de desenvolvimento dos seus alunos, permitindo um processo de reeducação relacional. Num processo mais desenvolvido de conhecimento de si-mesmo e do outro, onde a dobradiça do baú já não esteja mais enferrujada, seria possível uma regulação comunitária, onde mestre e aprendiz podem falar-se mutuamente o quanto um está impedindo o outro de se manifestar e o quanto está ocorrendo predominância excessiva de um em relação ao outro. Este processo exige muita auto-confiança e forte respeito mútuo.

Carlos Byington²⁸ desenvolve uma importante relação reflexiva entre a polaridade narcisismo-ecoísmo expressada no mito de Narciso e Eco e a prática pedagógica. Ele situa esta polaridade no âmbito do arquétipo mestre-aprendiz. Na sua opinião, “há pessoas com dominância narcísica na personalidade, outras com clara predominância ecoísta”. Entretanto, por serem consideradas características arquetípicas, Byington afirma que “todos temos as duas polaridades”. Byington utiliza o mesmo referencial reflexivo das atitudes tipológicas da natureza humana elaborado por Jung: da introversão e da extroversão.

Conforme a linha de pensamento de Carl Gustav Jung, todas as pessoas possuem a característica introvertida e extrovertida, sendo que a que se sobressai é considerada superior e inferior a que menos transparece. A classificação de superior e inferior não é entendida como uma escala de valores, mas como uma dimensão de maior ou menor evidência. Numa reinterpretação desta tipologia junguiana, considerando a *dýnamis* dos arquétipos, consideramos que as pessoas possuem as duas atitudes, sendo que

28 BYINGTON, 1996, p. 119-121.

uma delas se manifesta de acordo com as condições e as necessidades pessoais, conscientes e inconscientes, podendo, desta maneira, a mesma pessoa manifestar-se extrovertidamente e, num outro espaço e com outras pessoas, apresentar-se introvertidamente. Transpondo para a reflexão sobre as atitudes narcísicas e ecoístas, podemos dizer que dependendo dos espaços, época, contexto e processos relacionais de acolhida ou rejeição, a pessoa se manifestará mais narcisicamente ou mais ecoicamente.

Há professores que, na sua práxis educativa, apresentam fortes traços de uma tipologia narcísica. O seu narcisismo se evidencia na auto-suficiência, auto-estima e autoconfiança elevada, no prazer de falar em público, no prazer de “segurar um microfone”, na desenvoltura de dar aula, na defesa acirrada das suas idéias, na forte valorização do seu trabalho, na confiança no seu próprio pensamento e intuição, na preservação da autonomia de pensamento, na centralização da ação em torno da sua pessoa, na divulgação incisiva dos seus sucessos. A pessoa com essas características compreende que os seus fracassos ocorreram por causa das falhas dos outros e não como decorrência da sua ação. Mas, ao mesmo tempo, esta pessoa não se abala com a dificuldade de aprendizagem de algum aluno ou de algum colega, a sua eloquência abafa a fala de outras pessoas, demonstra prepotência, faz questão de projetar uma imagem de pessoa atualizada, coloca-se em evidência para receber elogios, deleita-se nos elogios e costuma acentuar somente as práticas que deram certas.

Podemos perceber que a pessoa do professor Narciso tem aspectos que poderiam ser denominados de negativos e positivos. Pois toda e qualquer pessoa, toda e qualquer pessoa docente, necessita ter uma boa auto-estima, precisa valorizar o seu trabalho, ficar feliz com elogios e, às vezes, também se auto-elogiar e divulgar o seu trabalho, a sua boa e bela imagem. Sem a boa auto-estima e a boa autoconfiança a atuação docente estaria fadada ao fracasso. Sem a presença de narcisismo, o pesquisador em educação, por exemplo, não conseguiria desenvolver uma pesquisa autóctone, pois estaria somente reproduzindo o pensamento das outras pessoas.

Carlos Byington aponta que há professor de tipologia narcísica tão dominante “que projetam a polaridade ecoísta nos seus alunos encurralando-os nela e forçando-os a desempenhá-la”²⁹. A atuação narcísica sufoca o aluno e ele não consegue desenvolver um pensamento próprio. Nos trabalhos solicitados pelo docente, o estudante fica condicionado a ecoar a fala e o pensamento do professor. O estudante é classificado, pelo professor Nar-

29 BYINGTON, 1996, p. 119.

ciso, como “bom aluno” quando sabe reproduzir com exatidão o pensamento do próprio professor, quando cita corretamente frases de autores. O aluno “malandro”, que “entra no jogo do professor”, prefere o professor Narciso, pois sabe como agradá-lo e o que escrever nos seus trabalhos e nas suas provas. O aluno ecoísta se dá bem com o professor Narciso. Vice-versa também é um fato.

Um outro comportamento narcísico no âmbito do ensino é a relação do professor entre o saber e o fazer, entre o conhecer e o ensinar. Uma parte de docentes acha que basta conhecer um conteúdo para saber ensiná-lo e, conseqüentemente, não admite avaliar o seu desempenho docente e nem a sua metodologia de ensino. O sentimento de auto-suficiência do conhecimento é transferido para o sentimento de auto-suficiência do saber ensinar. Este grupo de pessoas demonstra uma grande resistência para acolher sugestões e orientações para melhorar a sua prática educativa.

O professor Narciso apresenta uma dificuldade em ensinar. O pesquisador Carlos Byington é enfático ao afirmar que o professor Narciso é “incapaz de construir o ensino com seus alunos”. Isto significa que este professor tem a intenção de ensinar, mas o aluno não consegue aprender, pois há uma diferença entre ensinar e aprender. Nem sempre o estudante aprende quando ocorre um ato de ensino. Este tipo de professor tem dificuldade de reconhecer uma pessoa criativa, pois atua na direção de formar copiadores e repetidores.

Há docentes que se indignam quando lêem trabalhos de estudantes que estão repletos de transcrições de livros ou que não apresentam uma clara argumentação pessoal do pensamento, mas não percebem que os estudantes fazem isto por terem se tornado ecoístas, ecoadores das falas de seus mestres. E neste caso, às vezes, o estudante é avaliado severamente, quando, de fato, o professor precisaria fazer uma avaliação crítica do seu próprio desempenho docente e da sua própria postura metodológica. Ou seja, metaforicamente podemos dizer que o estudante ecoa quando o seu corpo está definhando. O eco é um grito de sinal de vida e, ao mesmo tempo, um protesto contra o definhamento.

Não há somente estudantes ecoístas, nós também temos docentes ecoístas. Os docentes ecoístas são aqueles que, após terem assimilado determinado conteúdo, ecoam constantemente o mesmo som. São aqueles que, após planejarem e aplicarem um determinado conteúdo, repetem sempre o mesmo planejamento, utilizando as mesmas dinâmicas, os mesmos recursos, a mesma metodologia. O conteúdo praticamente não varia. No círculo de professores, estes colegas são classificados como sendo os “fa-

mosos professores do caderno amarelo”, pois as suas páginas brancas já amarelaram com o tempo e as bordas das suas anotações estão permanentemente molhadas, de tanto serem folheadas.

O professor ecoísta é, por outro lado, alguém capaz de construir um bom ensino com seus alunos, pois apresenta com clareza a síntese do conteúdo e dá espaço para a articulação autônoma do pensamento dos estudantes. Contudo, é alguém que não se apropriou do conteúdo e está preso ao livro-texto, às suas anotações. E é, justamente nesta situação, que o estudante encontra espaço para articular o seu pensamento e a sua fala. Olhando positivamente, o professor ecoísta é aquele que sabe recolher e sistematizar as falas dos seus estudantes e devolver de forma reorganizada. Ele é mais um articulador, sistematizador, mediador do ensino do que um simples ensinante. É alguém que, por exemplo, fora da sala de aula, consegue expressar com clareza o pensamento dos seus alunos. É, portanto, alguém que sabe ouvir.

Entretanto, se não houver um processo de espelhar-se para visualizar a sua ação, este docente poderá permanecer somente ecoando e não ocupará o seu espaço de, também, falar e decidir. Poderá, com isto, ficar de fora do círculo de pessoas que dialogam e manter somente a tarefa de observador. No processo de ensino em sala de aula, poderá haver dificuldade em se conhecer o pensamento do professor Eco, pois ele estará sempre ecoando mais do que falando. Em reuniões de docentes, o professor ecoísta só se expressará depois das outras pessoas, concordando com a opinião dos colegas e repetindo o que já foi dito. O professor ecoísta poderá perder, assim, o seu espaço para outros colegas e para os próprios estudantes.

O professor pesquisador com traços ecoístas é alguém que sabe sistematizar com maestria textos e proferir com precisão o pensamento das outras pessoas. O professor ecoísta é alguém que sabe comunicar com fidelidade o pensamento de um grupo, por isto são pessoas ideais para representar uma classe profissional numa assembléia reivindicatória e elaborar a memória de um encontro. Em princípio, deveríamos dizer que todo e qualquer professor deveria conter algo desta qualidade ecoísta. Ou seja, deveria saber sistematizar tanto o pensamento de livros e reuniões quanto o de estudantes e de grupos de colegas.

Uma problemática do professor ecoísta é a sua tendência para a repetição. Ele costuma repetir o que recebeu e o faz sempre da mesma forma. Ele não inova. A sua mesmidade é exageradamente acentuada, de tal forma, que já se consegue de antemão saber o que dirá ou como agirá. O professor ecoísta é muito previsível.

Carlos Byington salienta que é importante o docente conhecer as características de Narciso e de Eco e saber “quando deve ser Narciso, quando Eco”³⁰. Isto significa, como já foi dito acima, aprender a conviver com ambos. Ou em outros termos, saber ser ecoísta apesar de Narciso e ser narcísico apesar de Eco. Aqui se estabelece uma relação de reciprocidade de papéis, onde se atua, às vezes, como professor e, outras vezes, como aluno. Ao mestre cabe discernir com sabedoria o momento propício para ser Narciso e para ser Eco. Podemos afirmar que, no fundo, todo docente deveria apresentar uma dose equilibrada de Narciso. Sem este elemento, o docente não acreditaria no seu próprio trabalho, não iria gostar do que faz, não estaria satisfeito com o produto do seu trabalho, não iria se auto-valorizar, não teria uma auto-estima saudável, não teria amor-próprio, aceitaria as críticas sem se defender. Em outras palavras, poderíamos dizer que o docente só tem condições de sobrevivência profissional se souber conviver com uma saudável dose de narcisismo.

Por outro lado, todo docente deveria possuir uma saudável dose de ecoísmo. Sem esta característica, o docente teria dificuldade de sistematizar a reflexão das outras pessoas, teria dificuldade de relacionamento, não saberia ouvir idéias alheias e acolher sugestões e críticas, não teria atitudes humildes.

Portanto, na formação continuada de docentes é importante ajudar as pessoas a encontrarem um ponto de equilíbrio saudável na relação e na coexistência de Narciso e Eco na mesma pessoa.

Byington afirma que “mais importante do que saber a matéria é sentir o momento apropriado de ecoar ou de narcisar” e conclui que “numa pedagogia simbólica, a intenção primária não é recheiar de coisas a cabeça dos alunos e sim a formação intelectual, emocional e existencial de pessoas”³¹. Nós podemos acrescentar que o fundamental neste processo de formação é o conhecimento de si-mesmo, o fortalecimento do *self* grupal e a recuperação do sentido de ser professor.

O processo de equilíbrio da polaridade Narciso-Eco, da sabedoria de ecoar e narcisar só se dá numa expressiva e forte ação dialógica e comunitária, onde o espaço da comunidade pedagógica desenvolve processos de diálogos sinceros e transparentes; onde o corpo não define, pois não há a recusa da fala e nem do ser; onde se valoriza o pensamento de cada pessoa; onde “a vez e a voz” das pessoas já estão resgatadas; onde os baús estão

30 BYINGTON, 1996, p. 120.

31 BYINGTON, 1996, p. 120.

abertos e restam poucos “cantinhos” escuros. A dinâmica dialética de narcisar e ecoar ocorre na proporção em que a “individualização” da pessoa se fortalece; em que a *sombra* e a *persona* não prejudicam o desenvolvimento da pessoa; onde o *self*, como totalidade do ser, emerge; onde a constante *auto-regulação* na memória permite reconstituir periodicamente a trajetória de vida do docente.

A possibilidade dialética do narcisar e ecoar pessoal ocorre quando conseguimos narrar e não somente descrever a nossa trajetória de vida; quando ao narrarmos, interpretamos a nós mesmos; quando, ao narrarmos, inter-relacionamos a ipseidade, a mesmidade e a alteridade; quando, ao narrarmos, redescobrimos a nossa identidade fixa e flexível, quando ao narrarmos recuperamos o sentido de ser e de atuar. O equilíbrio entre o nosso narcisar e ecoar ocorre quando ressignificamos a nossa práxis, tanto reflexiva quanto prática, narcísicas e ecoístas, e as ressimbolizamos em novas ações e lhes damos um novo sentido; quando descobrimos, na ressignificação, a dinâmica do sentido de ser professor. O narcisar e ecoar ocorrem quando os processos de ressignificação e ressimbolização atingem os símbolos estruturantes constituintes da nossa identidade docente; quando os símbolos da profundidade da nossa existência, que tocam a incondicionalidade do nosso ser, são ressimbolizados, pois necessitam de uma reconfiguração da correlacionalidade da vida.

Referências

- BOECHAT, Walter. Arquétipos e mitos do masculino. In: _____ (Org.). **Mitos e arquétipos do homem contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 19-41.
- BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia** (A idade da fábula): histórias de deuses e heróis. 28. ed. Tradução de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **Desenvolvimento da personalidade**: símbolos e arquétipos. São Paulo: Ática, 1987.
- _____. **Dimensões simbólicas da personalidade**. São Paulo: Ática, 1988. (Série Princípios, 134).
- _____. **Pedagogia simbólica**: a construção amorosa do conhecimento de ser. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- _____. A pesquisa científica acadêmica na perspectiva da pedagogia simbólica. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **A pesquisa e as transformações do conhecimento**. Campinas: Papirus, 1995. p. 43-74. (Coleção Práxis).
- FURLANETTO, Ecleide Cunico. A formação de professores: aspectos simbólicos de uma pesquisa interdisciplinar. In: SEVERINO, Antônio Joaquim; FAZENDA, Iva-

ni Catarina Arantes (Org.). **Formação docente**: rupturas e possibilidades. Campinas: Papirus, 2002. p. 69-82.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. Trad. Dora Ferreira da Silva. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. (Obras Completas de C. G. Jung, v. 7, t. 2).

_____. **Tipos psicológicos**. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1991. (Obras Completas de C. G. Jung, v. 6).

MONINI, Italiano. **Mitologia greco-judaica e racionalismo moderno**: um ensaio. Goiânia: UCG, 1995.

MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBÄUS, Claus Dieter. O professor, personalidade saudável e relações interpessoais. In: ENRICONE, Délcia (Org.). **Ser professor**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 91-108.

NOÉ, Sidnei Vilmar. Homo narcissicus. **Numen**: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 5, n. 1, p. 41-59, 2000.

RICOEUR, Paul. **Del texto a la acción**: ensayos de hermenéutica II. Tradução de Pablo Corona. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.

_____. **Do texto à ação**: ensaios de hermenêutica II. Buenos Aires: Res Editora, 1989.

_____. **O conflito das interpretações**: ensaios de hermenêutica. Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978. (Série Logoteca).

_____. **O si-mesmo como um outro**. Tradução de Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papirus, 1991.

SCHÜLER, Donaldo. **Narciso errante**. Petrópolis: Vozes, 1994.